DOM HELDER CÂMARA, SONHADOR E INGÊNUO? O MOVIMENTO AÇÃO, JUSTIÇA E PAZ NO PERÍODO DE 1968-1970

Rosildo Henrique da Silva[1]

RESUMO: Este artigo vem reconhecer o movimento Ação, Justiça e Paz-AJP, pensado e criado por D. Helder, no dia 2 de outubro de 1968, próximo ao golpe dentro do golpe do governo militar com o Ato Institucional nº 5. Para alguns, dom Helder poderia ser considerado como um sonhador irrealizável de um bispo ingênuo. Dom Helder já afirmava que o sonho que se sonho junto é o começo da realidade. O objetivo previsto é analisar o movimento Ação, Justiça e Paz como um projeto realizável com grande intensidade e que houve a participação de diversas camadas da sociedade que dom Helder chamava de minorias abraâmicas. A metodologia está centrada nas cartas circulares escritas pelo Dom diariamente durante as madrugadas. Em suma, o arcebispo de Olinda e Recife sonhou e realizou o projeto de um movimento não violento de grande importância para as mudanças sociais no período estudado. Não se deixou abalar pelas ações dos grupos conservadores que acusavam-no de comunista e subversivo, havendo também acusadores dentro da sua religião como o arcebispo dom Geraldo Sigaud.

PALAVRAS-CHAVE: Dom Helder. Ação, Justiça e Paz. Sonhador e Ingênuo.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a atuação do arcebispo de Olinda e Recife, dom Helder Camara no período de 1968 a 1970, onde foi criado o movimento Ação, Justiça e Paz, apoiando os diversos movimentos que lutavam contra as injustiças e estavam focados na não violência. O período estudado é bastante importante, pois o povo brasileiro vivia a intensificação da ditadura civil-militar com o Ato Institucional nº 5.

Quando escutamos falar de Dom Helder, o grande líder da Igreja de Pernambuco, imaginamos que ele é natural deste Estado, pois ficou bastante conhecido em Pernambuco. O seu nascimento ocorreu no dia 07 de fevereiro de 1909 em Fortaleza

[1] Mestre em História e Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP.

no Ceará, filho de João Eduardo Torres Câmara Filho, jornalista e maçom e Adelaide Rodrigues Pessoa, professora primária.

Dom Helder Pessoa Câmara esteve envolvido com os problemas sociais desde a sua temporada na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Ele começou a interessar-se pelas causas dos mais necessitados e injustiçados após o Congresso Eucarístico Internacional. O Cardeal Gerlier provocou Helder para dedicar todas as suas forças pelas causas dos pobres, ao que Dom Helder afirmou categoricamente: "este é um momento de virada na minha vida. O senhor pode ver minha consagração aos pobres. Não estou convencido de possuir dotes excepcionais de organizador, mas todo o dom que o Senhor me confiou colocarei ao serviço dos pobres"(PILETTI; PRAXEDES, 1997, p. 233).

Dom Helder criou a Cruzada São Sebastião que tinha como objetivo construir apartamentos para os favelados do Rio de Janeiro. O seu olhar passou a ser em favor dos mais carentes. Neste período também fundou o Banco da Providência que oferecia empréstimos com o intuito de ajudar os marginalizados. O Dom sonhava com uma sociedade mais humana, onde não houvesse divisões de classes, Renato Torre Anacleto Rosa salienta que "em sua utopia de uma construção de uma sociedade igualitária, Dom Helder teceu severas críticas à divisão da sociedade em classes, tendo em vista a assimetria social causada por essa divisão"(ROSA, 2019, p. 127).

Diante da ditatura militar a Igreja Católica em Pernambuco se manteve fiel aos ensinamentos do Concílio Vaticano II (1962 a 1965) e às orientações da Conferência Episcopal de Medellín (Colômbia, 1968) que, naquele momento, optou pela temática da libertação, como ressalta Lucelmo Lacerda Brito: "nesse texto apareceu com força a temática da libertação" (BRITO, 2010, p. 03). Na Conferência de Puebla (México, 1979), aprovou-se a opção preferencial pelos pobres. Em Medellín analisaram documentos que discutiam a questão da justiça e paz de suma importância para as lutas na América Latina. Stela Maris Saldanha ressalta:

> Comecemos pelos dois primeiros temas apresentados no documento e discutidos à luz da realidade latino-americana: justiça e paz. À justiça contrapõe-se a miséria como fato coletivo. À paz, o

> subdesenvolvimento, uma vez que as desigualdades promovem tensões desestabilizadoras (SALDANHA, 2019, p. 20).

A fé implicando atitudes e obras tornou-se a base dos ensinamentos da Igreja Católica, havendo no Brasil vários bispos que estiveram envolvidos nas lutas contra a repressão militar, conforme afirma Paulo César Gomes, "para quem alguns integrantes do episcopado tiveram importância fundamental na oposição ao regime militar" (GOMES, 2014, p. 13). O Arcebispo de Olinda e Recife – Dom Helder Camara –, padres e agentes dos movimentos e das pastorais estiveram imbuídos de uma espiritualidade que está no âmago da Igreja, porém, estavam também absorvidos com os problemas das comunidades. A repressão aos opositores à ditadura militar era clara. Todavia, a Igreja não se calou. Ao contrário, continuou denunciando as torturas, violências e perseguições. Muitos dos que solicitavam a ajuda da Igreja contra a dominação militar eram por ela atendidos e acolhidos.

Os sonhos de dom Helder eram diversos, pois ele desejava um mundo sem miséria. Com isso ele criou, entre outras iniciativas, a Cruzada São Sebastião, o Banco da Providência, a Operação Esperança e a Ação, Justiça e Paz. Ainda como secretário da CNBB também criou a Cáritas Brasileira, importante instituição para ajudar os mais carentes. Como destaca José Hamilton da Costa, a instituição da Cáritas, "foi fruto da inteligência e sensibilidade pastoral de Dom Helder. Nascida em 1956, ela contribuiu para a concretização das experiências de solidariedade e para a prática da inclusão social da Igreja no Brasil" (COSTA, 2011 p. 65). O Arcebispo de Olinda e Recife demonstrou clareza e alertou que não devemos temer às utopias, esclarecendo, "gosto de repetir muitas vezes que ao sonharmos sozinhos, limitamo-nos ao sonho. Quando sonhamos em grupo, alcançamos imediatamente a realidade. A utopia compartilhada com milhares é o esteio da História" (CAMARA, 1986, p. 68).

A ditadura civil-militar, estava praticando torturas, prisões e perseguições. Dom Helder constantemente sendo acusado, caluniado e execrado pelos seus adversários, até mesmo quando criava movimentos sociais em favor das minorias injustiçadas, como esclarece Sebastião Antônio Ferrarini:

> O exame da trajetória pastoral de D. Helder mostra que ele, diuturnamente, lançou ou se engajou em inúmeros movimentos, ou iniciativas de caráter social. Essas criações ou engajamentos seus foram, não raro, vistos como truques para manter as atenções e manter-se em evidencia. Foi o que ocorreu quando lançou o movimento Pressão Moral Libertadora (FERRARINI,1992, p. 177).

Os seus irmãos no episcopado criticavam-no, como, por exemplo, o Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Sigaud, citado por Salomão Jorge que, por sinal, era um ferrenho adversário de Dom Helder: "que me diz do Movimento Pressão Moral de D. Helder. Eis a resposta: considero este movimento uma organização metódica de agitação nacional esquerdista" (JORGE, 1969, p. 83). A Tradição, Família e Propriedade – TFP se posicionava contra o arcebispo de Olinda e Recife com críticas e abaixo-assinados. Márcio Moreira Alves esclarece:

> A maior campanha que empreenderam, contra D. Helder Camara e seus amigos, conseguiu, segundo os organizadores 1.600,368 assinaturas, dentre as quais as de dezenove arcebispos e bispos, numerosos ministros, dezenas de deputados e homens políticos. As assinaturas foram levadas a Paulo VI, quando da sua visita a Bogotá, Colômbia (ALVES,1979, p. 230).

A violência era constante, física, psíquica e através dos discursos da classe dominante. Em 1968 houve o golpe dentro do golpe, intensificaram-se as perseguições e prisões, as injustiças multiplicaram-se e as violências aumentaram. A concepção de violência ampliou-se na Conferência Episcopal de Medellín por meio do perito Pe. Afonso Filipe Gregory como ressalta Newton Cabral,

> segundo, porque, analisando a questão da violência na América Latina, o perito chamara a atenção para a largueza com que se deve empregar o conceito "violência", não o usando apenas em referência às formas mais patentes e visíveis, mas, sobretudo, estendê-lo às formas sutis que têm consequências mais amplas e desastrosas, a que deu o nome de violência institucionalizada (CABRAL, 2020, p. 49-50).

Para combater as injustiças, dom Helder utilizou a técnica da não violência ativa, que não é passividade, "escolher o caminho não violento para combater as

injustiças não implica, de forma alguma, uma passividade" (ARRUPE, 1977, p. 93). Já no primeiro encontro, no discurso de posse, ele afirmou a disposição para estabelecer diálogos com todos, sem fazer acepção de direita ou esquerda. E acrescentou que o Cristo, no Nordeste, se chama Zé, Antônio, Severino... Dom Helder estava perseguido pelos militares e sendo acusado de comunista e subversivo, além de tentarem prendê-lo, havendo uma violência constante contra o povo e os membros da Igreja. Scott Mainwaring (1989, p. 118-119). destaca que, "as autoridades militares do Recife acusaram Dom Helder Camara de ser um comunista, subversivo e o ameaçaram de prisão. [...] Como ocorria com frequência, essa repressão contra os padres locais impulsionava a cúpula da Igreja a denunciar o regime". A justiça social pregada por Dom Helder no tempo da ditadura militar, principalmente do governo Médici, confundia-se com esquerdismo e subversão, Kenneth Serbin (2001, p.240) salienta que,

> durante os anos Médici, ela se tornou uma expressão polivalente para os militares, servindo para tudo que cheirasse a esquerdismo, que ameaçasse o *status quo* político ou que implicasse crítica ao regime, como por exemplo, organizações de camponeses, movimento estudantil e canções de protesto.

Helder esteve nos seus pronunciamentos denunciando, como um verdadeiro profeta, as más ações dos militares. O Bispo de Olinda e Recife estava focado nas questões religiosas e também nas violações aos Direitos Humanos. No período de chumbo da Ditadura Civil-Militar foi criado um movimento na arquidiocese de Olinda e Recife com o nome "Pressão Moral Liberadora" esta tinha como objetivo conscientizar a população sobre os Direitos Humanos. Os dois primeiros cadernos contêm os seguintes temas: 1º- pressão moral libertadora e 2º- direitos do homem.[2]

O Dom, tinha a intenção de expandir este movimento por todo o Brasil. Segundo Marcos Roberto Brito dos Santos "para pôr em prática, materializando esta proposta, foi que idealizou o movimento Pressão Moral Libertadora (PML), um projeto audacioso do ponto de vista da expectativa de alcance social, pois Dom Hélder tinha a

[2] Companhia Editora de Pernambuco-CEPE, *Jornal do Comércio*, Recife, 07.08.68.

intenção de atingir um dia toda à sociedade brasileira."(SANTOS, 2011, p. 05). Em 1968 os bispos se reuniram no Rio de Janeiro e assinaram um pacto assumindo criar núcleo de Pressão Moral Libertadora em suas dioceses. A participação de Dom Helder foi de suma importância para conseguir tamanho feito, principalmente em um período de perseguição e violência.

Este movimento de não violência ativa, ou também chamado de violência dos pacíficos, foi bastante discutido para chegar ao nome Pressão Moral Libertadora. Inicialmente sugeriu-se Força da Justiça e do Amor- FORJA, como esclarece Dom Helder," forja é lugar onde se prepara o ferro e, salvo engano, onde se tempera o aço. Na Forja, queremos que se formem caracteres. No movimento, se devem forjar os homens de amanhã, as estruturas de amanhã." (ROCHA; SIGAL, 2013, p. 138).

A busca por um nome para o movimento de justiça e paz foi constante, o Dom pediu para alguns Biblistas procurarem um nome significativo. Eles sugeriram em hebraica Guevar Há Hessed- Força da Justiça e do Amor. Este nome irá dá uma grande dor de cabeça para Helder, pois, a América Latina estava vivendo a Revolução Cubana, tendo como um dos líderes Che Guevara, ficava difícil explicar para os militares no poder a expressão Guevar, que poderiam associar a Guevara.

Os debates em torno do nome eram bastante calorosos, porém, na Conferência de Medellín, em 1968, firmou-se o nome oficial. O dom Helder diz que a Ação, Justiça e Paz - AJP tem o dever de "vigiar a reação violenta das autoridades que usam como pretexto a salvaguarda da ordem pública" (CÂMARA, 1971, p. 59). O processo do lançamento do movimento Ação, Justiça e Paz ocorreu no dia 02 de outubro de 1968. Edvaldo M. Araújo evidencia:

> O lançamento do movimento aconteceu, conforme o previsto, em 02 de outubro de 1968, em Recife, no pátio do colégio São José. Em seu discurso no lançamento do movimento Ação, Justiça e Paz, Dom Helder fez um resumo das propostas apresentadas em forma de esboço. Referiu-se em primeiro lugar ao contexto de violência institucionalizada que gera a miséria na América Latina, estudado profundamente em Medellín (ARAÚJO, 2012, p. 191).

Dom Helder explica maneira inequívoca o significado do nome do movimento Ação, Justiça e Paz. "Ação: não somente especulação. Teoria, discussão e contemplação; Justiça: há injustiças por toda a parte; por toda a parte há fome e sede de justiça; Paz: a justiça é condição para esta, caminho, via. Somente passando pela justiça, se conseguirá uma paz verdadeira e durável. (CAMARA, 1971, p. 47).

Dom Helder foi comparado a um profeta do Terceiro Mundo, principalmente com as ideias de não violência. Nelmo Roque Tem Kathen, ressalta, "um profeta do Terceiro Mundo. Encabeça vários movimentos do tipo profético, 'Pressão, moral libertadora' ou Ação, Justiça e Paz, a 'Violência dos pacíficos'" (KATHEN, 1991, p. 62).

A Ação, Justiça e Paz não deve ser um movimento como muitos outros que regam a paz, ele não pode ser um movimento morno mas ativo de denúncia a situação socioeconômica e política do Brasil. Para o Dom, a AJP está baseado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, principalmente em três artigos: o artigo 4º que diz que ninguém será mantido em escravidão e serviço; o artigo 3º todo homem tem direito a vida, a liberdade e a segurança pessoal; artigo 23 todo homem tem direito ao trabalho.

Dom Helder defendeu os direitos humanos em toda a sua trajetória. No ano de 1970 no Palácio dos Esportes em Paris, ele denunciou as torturas no Brasil, levando-o a ser extremamente perseguido e caluniado. O seu nome foi censurado em todos os meios de comunicações. A elite conservadora utilizou todos os meios para denegrir a imagem do arcebispo de Olinda e Recife. Acusavam-no de ser comunista e subversivo.

O movimento Ação, Justiça e Paz tinha alguns ações concretas: reuniões conscientizadoras, bem planejada, bem organizadas, bem conduzidas; Utilização inteligente dos meios de comunicações sociais, inclusive e sobretudo música e teatros; Apoios a greves justas; Promoção de grandes concentrações e marchas como momentos culminantes de atividade bem planejadas; Reclamações pacíficas, mesmo com perigos de prisão. Em defesa de quem for detido, abusivamente, ao defender direitos humanos. (CAMARA, 1977, p.117).

No ano em que foi fundada a AJP, 1968, ocorreu a intensificação da ditadura civil-militar, principalmente com o Ato Institucional nº 05 – a partir do qual houve o

fechamento do Congresso Nacional – que dava poderes extraordinários ao presidente da república. Ocorreu um fato violento naquele ano que mobilizou a classe estudantil: a morte do estudante Edson Luís de Lima Souto. Como bem salienta Jacob Gorender, "os policiais usaram armas de fogo em recinto fechado contra jovens desarmados. Feriram vários deles e mataram o secundarista Edson Luís de Lima Souto [...]. Sessenta mil pessoas acompanharam o caixão mortuário na tarde do dia seguinte" (GORENDER, 1990, p. 148).

No Recife também houve protesto contra a morte do estudante, como afirma Homero Fonseca: "após a passeata dos 100 mil no Rio de Janeiro, aconteceu no Recife uma marcha de mais de 15 mil manifestantes com a presença, além dos estudantes, da sociedade civil, políticos, religiosos e parlamentares" (FONSECA, 2018, p. 108). Os grupos de esquerda partiram para o combate armado contra o regime civil-militar. Foi um ano turbulento e alguns chegaram a acreditar que não havia mais jeito para o Brasil. No entanto, Dom Helder pregava a esperança, acreditando em um mundo melhor, superando as injustiças e acabando com a violência.

A violência era constante, física, psíquica e através dos discursos da classe dominante. Em 1968 houve o golpe dentro do golpe, intensificando-se as perseguições e prisões, as injustiças multiplicaram-se e as modalidade de violências. O arcebispo de Olinda e Recife criou o movimento Ação Justiça e Paz, que tinha a intenção de denunciar as injustiças e socorrer os perseguidos e marginalizados pelo regime. O movimento AJP, foi fundado em 1968, como relata Zildo Rocha:

> Em meados daquele ano de 1968, Dom Helder, influenciado, por um lado, pela leitura ou por contatos mantidos durante o concílio com líderes pacifistas e, por outro, impressionado com a escalada da violência e a atração da juventude pelos movimentos de libertação através do luta armada, resolveu lançar um movimento que inicialmente chamou de Pressão Moral Libertadora e, em seguida, de Ação, Justiça e Paz (ROCHA, 2019, p. 42-43).

O mundo também neste ano estava passando por momentos conturbados. Os Estados Unidos envolveu-se com a guerra do Vietnã, havendo vários mortos, com isso,

houve constante protestos. Em 1968 o ativista americano pelos direitos humanos Martin Luther king, foi morto, havendo comoção nacional. O ano de 1968 estava bastante efervescente. Mark Kurlansky salienta,

> nunca houve um ano como 1968 e é improvável que volte a haver. [...] em 1968, Polônia, França, Estados Unidos e México eram muito mais diferentes um do outro do que são hoje, ocorreu uma combustão espontânea de espíritos rebeldes no mundo inteiro". (KURLANSKY, 2005, p. 13).

O ano de 68 esteve recheado de acontecimentos em favor e contra Dom Helder. Neste ano, ele transferiu a sua residência para uma casa atrás da Igreja das Fronteiras que teve os seus muros pichados e metralhados. Martinho Condini esclarece, "esses acontecimentos fortaleceram sua campanha contra a violência e a luta por justiça social através de movimentos como a Ação, Justiça e Paz liderado por Dom Hélder, em outubro de 1968" (CONDINI, 2004, p. 40). Naquele ano viajou por vários países europeus denunciando o colonialismo externo e interno e pregando a não-violência ativa, como salienta Rampon, "pregando a não violência ativa seguindo, assim, a trilha de Gandhi e Martin Luther King" (RAMPON, 2014, p. 115). O Dom estava em constante viagem por vários países transmitindo a ideologia da não-violência ativa; por isso, chamavam-no de profeta ou de "Gandhi brasileiro". Assis Claudino destaca:

> Único bispo católico que alcançou verdadeira audiência no mundo não católico, D. Helder se fez projetar como profeta do desenvolvimento e foi consagrado com sua Conferência na Mutualité, em Paris, em 1968, como "o profeta do Terceiro Mundo". Chamado o "Gandhi brasileiro" e considerado o sucessor de Luther King (CLAUDINO, 1985, p. 138).

Dom Helder escreveu sobre o movimento Ação, Justiça e Paz em várias cartas-circulares nas quais destina um apelo para as minorias abraâmicas – um termo usado para distinguir as minorias que sentem fome e sede de paz e justiça. O movimento Ação, Justiça e Paz necessitava da colaboração destas minorias. Para o Dom as minorias abraâmicas nasceram com incurável vocação e desejo de servir, para dedicar-se e gastar-se ao serviço do próximo (ARAÚJO, 2012, p. 509). Para Dom Helder, as minorias

abraâmicas precisavam se apoiar em documentos que comprovem as injustiças, como afirma "ponto de partida indispensável: habituar-se a ver e a ouvir; a colher dados, informações e, talvez até levantamento que dê segurança à ação das minorias abraâmicas." (CÂMARA, 1976, p. 78.). Ele acreditava no aumento constante dessas minorias que fariam pressão moral na sociedade. Assim ressaltava: "se o número dos oprimidos aumenta a cada dia, aumenta, também, a todo instante, o número das minorias que participarão da grande Pressão Moral Libertadora" (CAMARA, 1993, p. 64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arcebispo de Olinda e Recife no apelo a juventude diz que alguns podem considerá-lo um sonhador e ingênuo. Para os grupos de extrema direita e extrema esquerda, de fato dom Helder seria um ingênuo. No entanto, a luta para promover a pessoa humana e denunciar as violações aos direitos humanos foram bastante evidentes.

Mesmo os grupos conservadores impondo a censura ao seu nome no Brasil, ele continuou sendo a voz dos oprimidos e marginalizados no exterior. As dificuldades foram enormes para conscientizar a população da situação socioeconômica e política do Brasil.

O Dom criou o movimento Ação, Justiça e Paz exatamente em um período conturbado da ditadura civil-militar. Mas obteve o apoio de vários bispos do Nordestes e de outras dioceses brasileiras e também das dioceses de diversos países latino americanos e europeus. Mesmo com a evidente expansão, porém, o Movimento sofreu grandes dificuldades para continuar ativo no período do Regime Militar, pois as perseguições aos seus membros foram constantes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ARAÚJO, Edvaldo M. *Dom Helder Camara*. Profeta-Peregrino da justiça e da paz. Pensamento teológico e antropológico. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.

ARRUPE, Pedro. Testemunho da justiça. *In*: LAND PHILIP *et al*. *Justiça no Mundo*. Comissão Pontifícia Justiça e Paz Sínodo dos Bispos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. *Revista Espaço Acadêmico*. nº 11 – ago. 2010. Disponível em: file:///C:/Users/01/Downloads/10681Texto%20do%20artigo-39636-1-10-20100806.pdf. Acesso em: 28 out. 2020.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. *Onde está o povo, aí está a Igreja*? História e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria [recurso eletrônico, Recife : Ed. da UFPE, 2020.

CAMARA, Dom Helder. *Utopias peregrinas*. Recife: Editora Universitária da UFPB, 1993.

CAMARA, Dom Helder. *O deserto é fértil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CÂMARA, Dom Helder. *Espiral de violência*. Porto: Poveira,1971.

CÂMARA, Dom Hélder. *In*: CARDEAL ARNS, Dom Paulo Evaristo *et al*. *A firmeza-permanente*: a força da não violência. São Paulo: Loyola; Vega, 1977.

CAMARA, Dom Helder. *Indicações sobre uma vida melhor*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1986

CLAUDINO, Assis. *O monstro sagrado e o amarelinho comunista*: Gilberto Freyre, Dom Helder e a revolução de 64. Recife: Opção,1985.

CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara*: modelo de esperança na caminhada para a paz e justiça social. 2004. Dissertação (mestrado em ciência da religião) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

COSTA, José Hamilton da. *Religião e Solidariedade*: Dom Helder Camara e a Cáritas Brasileira. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011.

FERRARINI, Sebastião Antônio. *A imprensa e o arcebispo vermelho.* São Paulo: Ed. Paulinas, 1992

FONSECA, Homero *et al*. *1968*: abaixo as ditaduras. Recife: Cepe, 2018.

GOMES, Paulo César. *Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira (19711980)*: a visão da espionagem. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas - a esquerda brasileira*: das ilusões perdidas à luta armada. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

KATHEN, Nelmo Roque Tem. *Uma vida para os pobres*: espiritualidade de D. Helder Camara. São Paulo: Loyola, 1991.

KURLANSKY, Mark. *1968*: o ano que abalou o mundo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara*: entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997.

RAMPON, Ivanir Antonio. *Paulo VI e Dom Helder Camara*: exemplo de uma amizade espiritual. São Paulo: Paulinas, 2014.

ROCHA, Zildo. "*Irmão dos pobres e meu irmão*": presença de Dom Helder em minha vida. Recife: Ed. do autor, 2019.

ROSA, Renato Torres Anacleto. *Dom Helder Câmara*: itinerário político e intelectual. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

SALDANHA, Stella Maris. *Dom Helder Camara e o teatro popular dos coelhos*: uma ação popular libertadora. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra*: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.